

O antropólogo e professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Romeu Sabará da Silva, trabalhou com os índios Xacriabá ~~kkk~~ durante os meses de setembro e outubro de 74 e tem dois trabalhos escritos sobre ~~h~~ a questão indígena na região. Ele conta que, ao longo de sua permanência na região, percebeu que era não mais que um "hóspede da Companhia de Cimento Cauê e de criadores de gado, interessados em provar, com o meu aval, que ali não existiam índios".

Romeu Sabará, na época, começava a se interessar pelo desenvolvimento de algum projeto em área indígena e, após alguns contatos iniciais com autoridades da Funai, descobriu que o órgão pretendia fazer um trabalho, em caráter urgente, na região dos Xacriabá, que consistia num levantamento para identificação dos índios, a fim de que a terra fosse, posteriormente, demarcada.

Entusiasmado com o projeto e já em contato com o chefe da Ajuda da Funai em Belo Horizonte, João Geraldo Itatuitim Ruas, o antropólogo propôs o envolvimento da UFMG, através da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Acertada a participação da Universidade, ele e mais três estudantes se instalaram ^{num} ~~em~~ posto da Funai no norte de Minas, ~~kkkk~~ para iniciar ^o ~~em~~ levantamento, ^{solicitado,} de parentesco e organização fundiária ^(região.) da ~~região.~~

Romeu Sabará queria, também, fazer um levantamento cultural acerca da população local. "Aos poucos, comecei a perceber que havia uma espécie de caixa 2 no negócio, Não tinha idéia da verba que era gasta, mas estava claro que a Funai não dava o dinheiro para a demarcação, e sim a ~~kkkk~~ Companhia de Cimento Cauê, ~~kkkkk~~ a Frimisa e alguns frigoríficos

da área da Sudene. Eles eram os grupos econômicos que nos financiavam", afirma.

Segundo ele, o jogo de interesses foi ficando cada vez mais claro: de um lado, estavam os empresários; de outro, a comunidade indígena e o intelectual; além deles, o mediador da Funai. "Mas ainda era permitido, a mim, praticar meu romantismo. Até que um dia fui levado a almoçar com o pessoal da Cayê. No meio do trabalho de campo, saí com um criador de gado, dono de várias fazendas na região. Aí apareceu a primeira tentativa concreta de corrupção: ele ~~me~~ se propôs a me doar uma fazenda. Comuniquei o fato, imediatamente, ao ~~de~~ delegado da Funai, Itatuitim."

A partir daí, as relações entre a equipe de ~~pesquisadores~~ pesquisadores e o delegado da Funai começaram a esfriar. José Geraldo Itatuitim Ruas, que Romeu Sabará define como um "político hábil, paternalista e meio messiânico, ~~avisou, pouco depois,~~ avisou, pouco depois, ~~que o trabalho de levantamento~~ que o trabalho de levantamento estava sendo observado pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), e chegou a insinuar que ~~matinha~~ ^{me} tinha relações mais profundas com aquele órgão.

Antes da conclusão do relatório da equipe, o delegado ~~de~~ ~~de~~ apresentou ao então presidente da Funai, general Ismarth, o seguinte projeto: seria doada uma área coletiva para ~~atender~~ atender a velhos e crianças e o restante da área seria dada, como propriedade particular, aos moradores. O antropólogo conseguiu fazer chegar ao presidente do órgão a sua discordância do projeto, "que tentava provar que os Xacriabá não eram índios". A decisão sobre o caso foi adiada e Romeu Sabará, após

Se esta fosse apenas mais uma notícia das páginas policiais dos grandes jornais, estaria resumida assim: "Briga entre posseiros e índios mata um e fere quatro" - Durante uma festa de casamento, dia 14 de maio passado, na aldeia Pindaíba Sumaré, área do Posto Indígena Xacriabá, território demarcado pela Funai em 1979, foi assassinado a tiros o índio José Pereira Lopes, sanfoneiro conhecido como "^{Zeção}~~Zeção~~", ficando feridos os índios Manuel Fiúza Filho e o homônimo do assassinado, José Pereira Lopes; também saíram feridos os pistoleiros Alfredo Ferreira Leite, vulgo "Alfredão", e Sebastião de Oliveira, vulgo "Vidoca". Todos, exceto Manuel, receberam alta após terem ~~se~~ sido atendidos na Fundação Sesp, em Januária, norte de Minas.

A notícia revela, na verdade, a ponta de um iceberg que, segundo os indigenistas do grupo Curare - atualmente desenvolvendo um projeto de documentação das áreas indígenas mineiras, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura -, tem sua origem na luta pela posse da terra, e envolve assassinatos, violência, corrupção, desmandos de autoridades e da Polícia Militar, omissão da Funai, massacre cultural e interesses de poderosos grupos econômicos.

Pouco antes de ser assassinado, o índio José Pereira Lopes denunciou, em entrevista à equipe de reportagem responsável pelo documentário proposto pelo grupo Curare, que estava "jurado de morte" e acabara de receber um recado de "Alfredão" avisando-o de que seria morto. José Pereira Lopes está morto e seus assassinos, soltos - uma impunidade que os ín-

*deve ser citando os nomes ou
mencionando os nomes e)
suspeita de envenenamento.*

dios da região ~~de~~ não estranham. Já houve mortes com suspeita de envenenamento, sem que as autoridades requeressem autópsia. Soldados da PM local revistam ônibus de carreira para verificar se há índios ~~em~~ viajando. *Lo qual lihe/entrevistar alguns motoristas.* Funcionários da Funai são presos sem qualquer justificativa legal. A história é longa e a violência contra o índio cresce na região.

Publicar foto de um mapa ou fazer diagrama de região
Os 46 mil hectares de terra dos índios Xacriabá se localizam

entre os vizinhos municípios de Itacarambi e Manga, em área de abrangência da Sudene, no norte de Minas. Ali, segundo o delegado da 11ª Delegacia Regional da Funai, Lúcio Flávio Coelho, existem hoje 73 posseiros. E a luta pela posse da terra provoca, não raro, intervenções da Polícia Federal: a última foi no dia 12 de março deste ano, em consequência do ocorrido no dia 21 de fevereiro, quando o cacique da aldeia Sapé, Rosalino, foi surpreendido com a invasão de 30 pistoleiros, com armas de grosso calibre, que invadiram as casas, espantando mulheres e crianças. A ação, segundo o chefe Xacriabá, foi comandada por "Alfredão" e Gonçalo Ferreira dos Santos, vulgo "Gonga". *Aprensão das armas foi promovida somente na aldeia, facas, facões machados*

As marcas da violência se espalham pelas 22 aldeias da área dos Xacriabá, onde 4.200 índios ~~estão~~ convivem, hoje, com o ~~medo e a~~ ^(a) medo e revolta. ~~Exatamente~~ A equipe de reportagem da TV Minas Cultural e Educativa, responsável ~~por~~ por um dos documentários do projeto "Miséria Índios", do grupo Curare, pôde filmar, ~~em~~ no pouco tempo em que permaneceu na região, portas de casas indígenas arrebentadas à bala, ~~casas desmontadas e violadas e até~~ ^{uma} placa da Funai, arrancada e ~~em~~ furada de bala. Constam ainda do documentário cenas como a inva-

fotos

são ~~partes~~ do gado de fazendeiros dentro da terra indígena e a existência de uma cerca de arame farpado em volta do poço onde os índios buscam água, na aldeia Sapé."

Latifúndio rouba consciência do governo "que dá as versões do conflito"

O delegado da Funai, Lúcio Flávio Coelho, diz que a história de violência ~~na região~~ ^{em 1981} começou quando o prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula (PDS), comprou oito mil hectares de terra em litígio, dentro da área ~~indígena~~ indígena demarcada, de Manuel Caribé Filho, de tradicional família de Montes Claros e hoje candidato a deputado estadual pelo PMDB com o slogan "Caribé, um nome forte para o norte". A partir de então, o prefeito de Itacarambi passou a fazer companhia a nomes ilustres que disputam a terra Xacriabá, como Aécio Costa, dono de uma rede de supermercados em Montes Claros, Renato e Sinval Mendes ~~Cardoso~~ Cardoso e, segundo denúncia do antropólogo Romeu Sabará da Silva (ver box), a própria Companhia Cauê, com interesses na região.

O assessor e porta-voz do prefeito de Itacarambi, José Brandão, admite que José Ferreira de Paula está em disputa pela terra no território indígena, sendo, por isso, "muito perseguido". ~~Ele~~ ^E acusa o ex-delegado da Funai na região, José Geraldo Itatuitim Ruas, de venda de poses na área Xacriabá. Segundo ele, a Funai nunca quis discutir a legitimidade da doação da terra Xacriabá, datada de 1728, e ~~o~~ o prefeito *já encaminhou pedido* ~~pediu então~~, ao Instituto de Linguística da Universidade de São Paulo para ~~determinar~~ determinar a veracidade do texto do ~~o~~ documento de doação da terra.

~~José Brandão acusa o governo~~ ^P para defender o prefeito de
Mais contundente em todo pronunciamento do prefeito
é que ele não reconhece a existência de
Nada Xacriabá

Jose Brandão acusa as autoridades -

Itacarambi, "Nunca vi o governo lançar mão de tantas mentiras" - e garante que uma verba de 80 milhões de cruzeiros enviada^a pelo governo federal à Funai foi gasta em compras para o chefe do Posto Indígena da região. O assessor nega a existência de índios no município, apresentando, como prova, opinião emitida por um coronel do Exército em visita à região, que afirmou que os Xacriabá não eram índios porque (sic) "não falavam um dialeto ~~Khághá~~ indígena". O prefeito de Manga, Elzio Motta Dourado (PDS), é da mesma opinião: não existem índios ali, mas sim "desordeiros". Segundo ele, "o governo deveria dar a terra para quem quer trabalhar".

Três milhões sobre desvio de 80 milhões cruzados enviados p/a Funai que
Lúcio Flávio Coelho, da Funai, denuncia, entretanto, ~~que~~

~~o~~ ~~que~~ ~~foi~~ a Prefeitura de Itacarambi ^{quem} desviou uma verba destinada à construção de escolas e restauração das estradas da área indígena, que se encontram em péssimas condições. Essa verba teria sido recebida em ~~em~~ janeiro de 1985 e, ainda naquele ano, em outubro, teria ocorrido uma reunião, na sede da Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social de Minas, entre representantes da Funai e da Prefeitura, para resolver a questão. Segundo ele, o prefeito de Itacarambi se comprometeu, na ocasião, a atender as reivindicações dos índios. "Pensei que a reunião fosse séria", comenta, acrescentando que, na sua opinião, "a solução do problema indígena mineiro passa pela solução do problema da terra".

Essa postura simpática não ~~se~~ ~~impede~~ impede que um verdadeiro rosário de críticas seja desfiado por outras lideranças da região, a começar por Luís Chaves, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Montes Claros, que situa o problema Xacriabá como uma tentativa de descaracterizar os

legítimos donos da terra e denuncia que a força policial de Montes Claros (pólo industrial do norte do Estado, com 500 mil habitantes) é constantemente posta a serviço dos grandes proprietários de terra. Afirma ainda que a posição da Igreja é parcial e a da Funai ambígua, "porque demarcou a terra, mas não a garantiu". O triste quadro da região é completado pelo depoimento do médico Renato Costa Franco, do Hospital mantido pelo Funrural em Manga: "A região é conhecida pelos altos índices de doença de Chagas e tuberculose, mas a principal doença que temos aqui é a fome, a miséria e a ignorância".

Para o fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Manga e candidato à prefeitura da cidade pelo PMDB em 82, derrotado pela coligação PBS 1 e 2, Anísio Pereira Soares, a questão dos índios Xacriabá - "que são antigos na área, com sua linguagem e seus costumes" - não difere da dos camponeses e trabalhadores rurais. "O que está acontecendo é que o latifúndio rouba a ~~consciência~~ consciência do Governo desta cidade; não temos políticos, temos coronéis acostumados a mandar. O norte de Minas é o lugar que tem mais condição de produção, mas é o que produz mais covardia. O problema do índio Xacriabá é o do camponês. O cheiro do índio é o cheiro da gente; os grandes fazendeiros também estão expulsando a população."

Quem são os Xacriabá

Nessa esteira de controvérsias, encravado entre ^{caatinga} ~~caatinga~~, ^{de} ~~de~~ riachos que secam no inverno ^o ~~o~~, está o território demarcado para os Xacriabá, aproximadamente a quinta parte de sua área original. Um posto da Funai, seis funcionários, um carro velho para atender 46 mil hectares

de terra, dos quais dois terços grilados, 22 aldeias e 4200 índios, liderados por Manuel Gomes de Oliveira, 47 anos, conhecido como "Rodrigão". A ele se deve o movimento que gerou a ^Rdemarcação da terra Xacriabá e a instalação do posto indígena, ^{em 1568} sinal de alguma atenção por parte do órgão tutor.

"Naquela época, eles vinham escondido, meio à pé, dando uma volta enorme pelo sertão da Bahia, pela antiga estrada de Barreiros, para chegar a Brasília", lembra o antropólogo Olympio Serra, ex-diretor do Parque do Xingu e hoje na Fundação Pró-Memória. "Rodrigão", seu pai e mais alguns companheiros ~~kkkkkk~~ começaram a procurar algum apoio junto ao governo central no fim da década de 60, início dos anos 70; e tinham que evitar passar por Minas porque o delegado da Funai aqui, na época, Capitão Pinheiro, mandava prendê-los se os encontrasse em viagem. Era época de grande repressão e sofrimentos para todos os índios de Minas, com o capitão Pinheiro dirigindo uma prisão de índios na área Krenak (mais tarde transferida, junto com os próprios Krenak, para a Fazenda Guarani) e militarizando os índios com a criação da GRIN - Guarda Rural Indígena.

Olympio Serra lembra de como os Xacriabá apareceram perambulando em Brasília, "até que alguém, em alguma repartição, indicou para eles a Funai; e, por pura sorte, nos encontramos de cara num dos corredores". O antropólogo fez, então, todo o levantamento de notícias sobre os Xacriabá, remontando ao antigo documento de doação da terra, que os próprios índios tinham ido desencavar num cartório de Ouro Preto. Preparou um laudo antropológico que dava notícia à Funai da existência desses índios esquecidos, do tronco lingüístico Jê, já citados no mapa etno-histórico de

Curt Nimuendaju, que os localiza, desde o século XVIII, à margem esquerda do rio São Francisco, no norte de Minas.

Parentes dos Xavante e dos Xerente, os Xacriabá são o ramo dos "Akwê" que ficou em Minas, quando da possível grande migração desse povo. Os Xerente estão hoje em Goiás e os Xavante no Mato Grosso. Desde séculos habitando a margem esquerda do São Francisco, os Xacriabá tiveram íntimo contato com populações de vários quilombos que se formaram naquela região, dos quais o maior e mais conhecido foi o "do Ambrósio". A miscigenação entre os índios Akwê e negros vindos das tribos africanas não se deu só em nível de casamentos, mas também é visível na tradição cultural dos Xacriabá de hoje, onde, ao lado do toré - canto sagrado dos índios - pode-se observar a influência ~~de~~ africana em alguns outros cantos. Em 1981, quando de visita à área Xacriabá, os indigenistas do grupo Curare puderam observar a velha índia mãe do cacique Rodrigo que, acocorada num cantinho da casa, não parava de cantar e de conversar, sozinha, na língua akwê.

Proibidos por jagunços armados de cantar e dançar o toré, proibidos de mostrar a sua ^{características culturais} índianidade, os Xacriabá prosseguem resistindo e exigindo o direito à diferença. Um velho ferreiro da cidade de Manga conta como, "no tempo antigo, a gente chegava perto e escutava os índios cantando; mas ninguém podia ver, só as pessoas que eles levassem na cacunda, de olho tampado, atravessava o brejo e chegava lá no lugar da cantoria." Ele também fala de como o pessoal da cidade, armado, ia lá para proibir os índios de fazerem "as brincadeiras lá deles, a religião deles". Hoje em dia, só escondidos nas inúmeras grutas da região é que os Xacriabá con-

tinuam exercendo a sua religião, numa teimosa resistência; uma atitude de afirmação étnica que não interessa a quem quer provar que ali não existem índios.

Ameaças e Violências

E, enquanto o inquérito que apura a morte ~~KK~~ de José Pereira Lopes continua, segundo o delegado da Funai, aberto em Belo Horizonte à espera de um pedido de exumação do cadáver, uma vez que o delegado de Itacarambi, Antônio Reis, não soube dizer se o índio foi morto a tiro ou a facada, outras lideranças Xacriabá permanecem na mira dos pistoleiros e jagunços da região. "Os índios não aguentam mais, têm medo de sair à noite e estão proibidos de ir à cidade até para tratamento de saúde ou compra de mantimentos", conta o cacique Rodrigão.

"Convidado" pelo delegado de Itacarambi, Antônio Reis, para depor sobre uma das muitas invasões às aldeias, ~~KKK bXKKKibXKKKbK~~ há três meses, o índio Antônio ~~XXXXXXXXXX~~ está ainda hoje preso na cidade de Januária (norte de Minas) e só há um mês um advogado da Funai compareceu para agilizar o processo visando a sua soltura. O índio Santos Ferreira da Mota, depois de ter sua casa invadida e destruída, não teve outra saída senão esconder-se no mato, durante três dias, com seus filhos menores.

Os depoimentos sobre a violência diária que atinge a região se sucedem, apontando pelo menos ^{quatro} ~~KKK~~ responsáveis próximos e diretos: o prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula; Gonçalo Ferreira dos Santos, o "Gonga", testa de ferro que dirige a fazenda do prefeito, e Alfredo Ferreira Leite, o "Alfredão", este tendo ~~KKK~~ como referência uma casa de adobe dentro da área indígena, que afirma ser sua habitação, e a